

ANDY WEIR



DEVORADORES DE ESTRELAS

DO MESMO AUTOR DE *PERDIDO EM MARTE*



ANDY WEIR
DEVORADORES
DE ESTRELAS

TRADUÇÃO
Natalie Gerhardt



Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

Dedicatória

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

∅

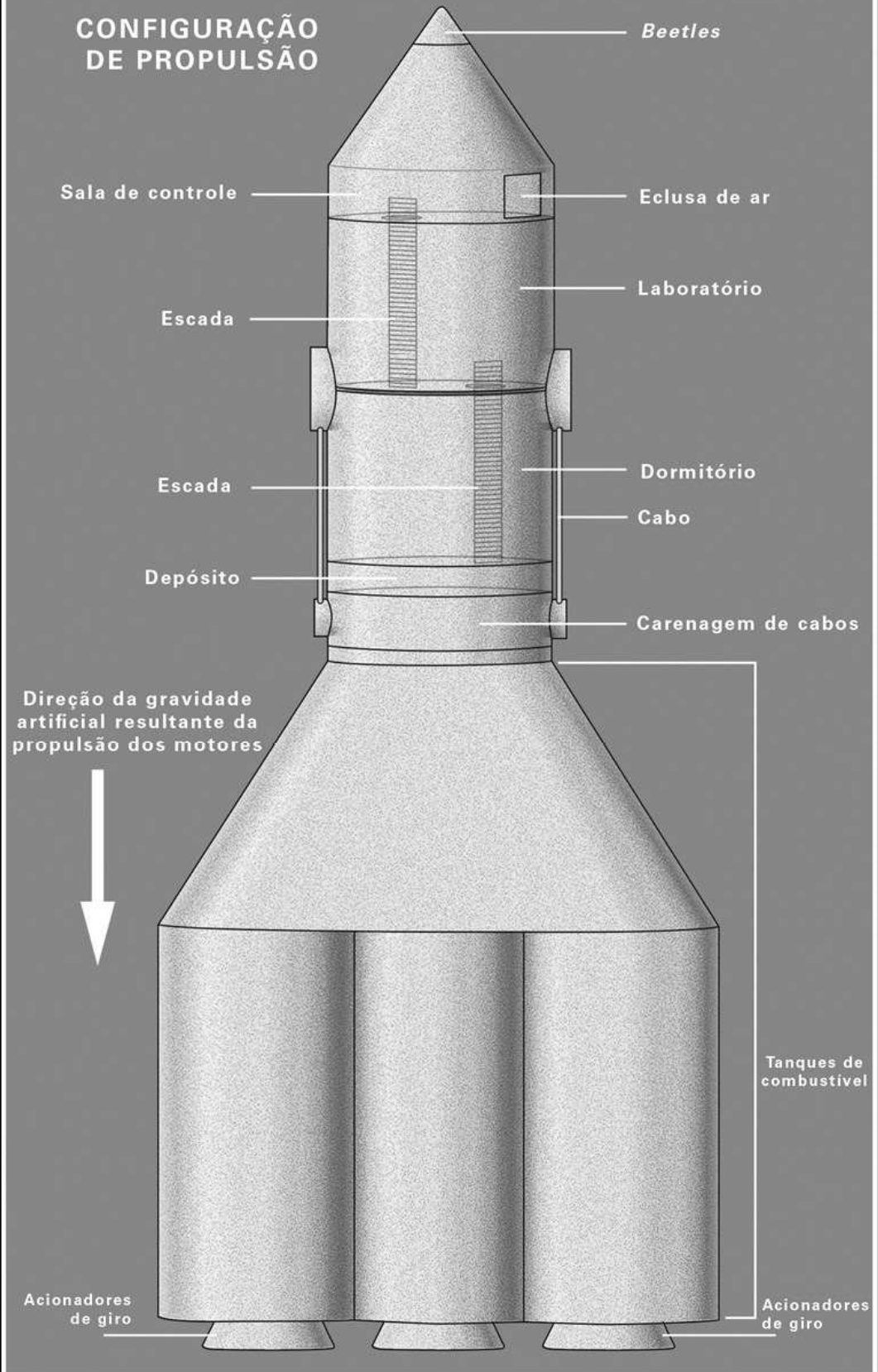
Agradecimentos

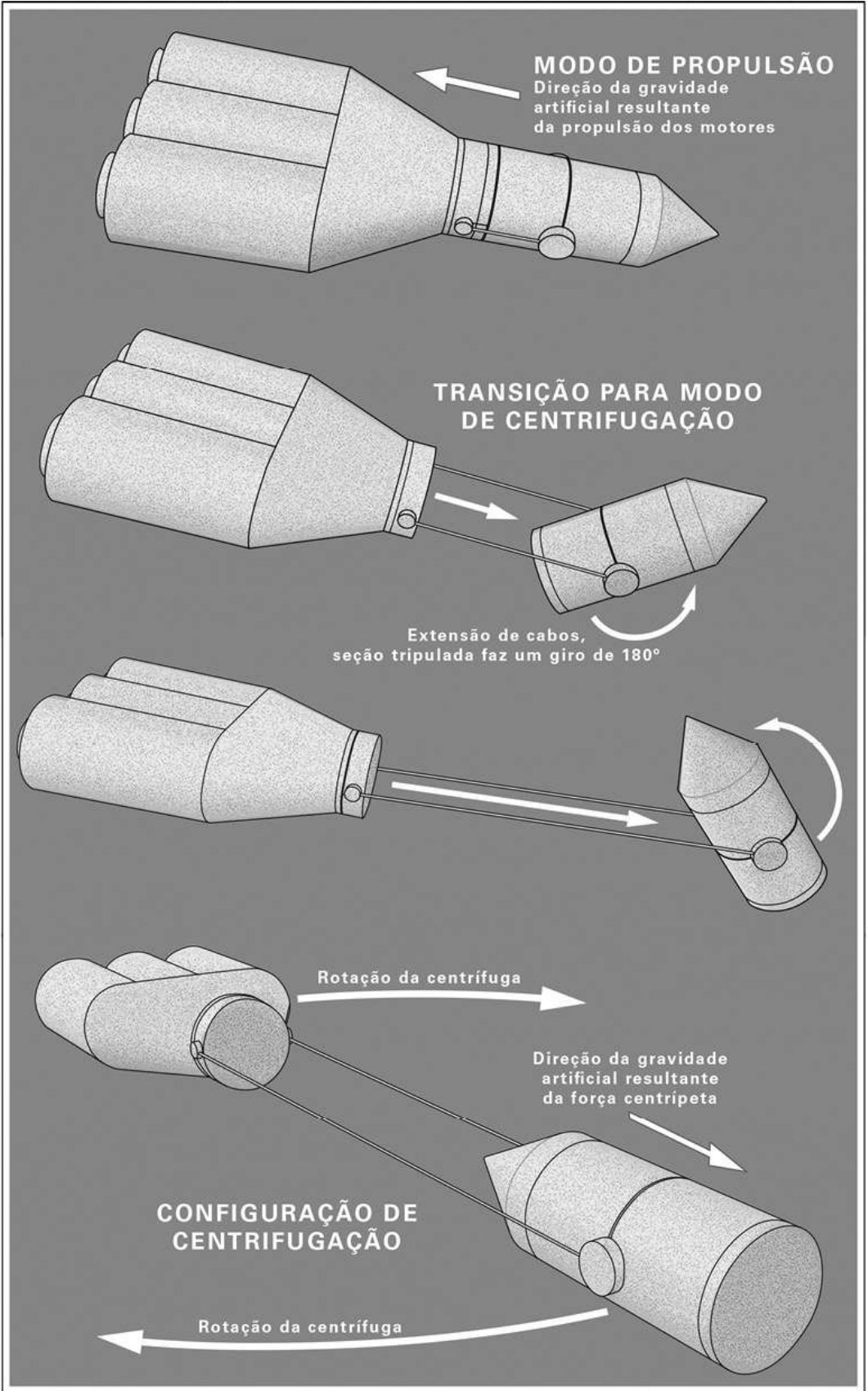
Sobre o autor

Créditos

Para John, Paul, George e Ringo

CONFIGURAÇÃO DE PROPULSÃO





1

— Quanto é dois mais dois?

Alguma coisa nessa pergunta me irrita. Estou cansado. Volto a dormir.

Passam-se alguns minutos e ouço a mesma pergunta:

— Quanto é dois mais dois?

A voz suave e feminina não demonstra emoção, e a pronúncia é idêntica à que usou antes. É um computador. Um computador está me enchendo o saco. Fico ainda mais irritado.

— Mmdchps — digo.

Fico surpreso. Eu queria dizer “Me deixa em paz” — uma resposta bastante razoável, na minha opinião —, mas não consegui falar.

— Resposta incorreta — declara o computador. — Quanto é dois mais dois?

Resolvo fazer uma experiência. Tento dizer “olá”.

— Ohll — digo.

— Resposta incorreta. Quanto é dois mais dois?

O que está acontecendo? Quero descobrir, mas não tenho muita coisa em que me basear. Não enxergo nada. Não ouço nada além do computador. Nem consigo sentir nada. Não, isso não é verdade. Eu sinto alguma coisa. Estou deitado. Em algo macio. Uma cama.

Acho que meus olhos estão fechados. Isso não é tão ruim. Tudo que preciso fazer é tentar abri-los. Tento, mas não consigo.

Por que não consigo abrir os olhos?

Abram.

E... abram!

Abram logo, caramba!

Aah! Senti um tremor dessa vez. Minhas pálpebras se mexeram. Eu senti.

Abram!

Minhas pálpebras se abrem, e uma luz forte me queima as retinas.

— Glunn! — exclamo. Uso toda a força de vontade que tenho para manter os olhos abertos. Tudo está branco com tons de dor.

— Movimentos oculares detectados — diz minha torturadora. — Quanto é dois mais dois?

A branquidão diminui. A visão está se ajustando. Começo a ver formas, mas nada concreto ainda. Vejamos... Consigo mexer as mãos? Não.

Pés? Também não.

Mas consigo mexer a boca, não consigo? Eu disse algumas coisas. Coisas que não fizeram sentido, mas já é um começo.

— Qtrrr.

— Resposta incorreta. Quanto é dois mais dois?

As formas começam a fazer sentido. Estou em uma cama. Com formato... oval.

Luzes de LED iluminam o ambiente. Câmeras no teto observam cada movimento que eu faço. Por mais assustador que isso seja, estou mais preocupado com os braços robóticos.

As duas estruturas de aço escovado pendem do teto, cada uma com um tipo de ferramenta de aparência preocupantemente cortante no lugar das mãos. Não posso dizer que estou gostando daquilo.

— Qqqq...aaa...rrr — digo. Será que isso basta?

— Resposta incorreta. Quanto é dois mais dois?

Droga. Uso toda minha força de vontade e energia interior. Além disso, estou começando a entrar em pânico. Bom. Vou usar isso também.

— Qqqaattro — consigo dizer por fim.

— Resposta correta.

Graças a Deus. Eu consigo falar. Ou quase isso.

Solto um suspiro de alívio. Espere — acabei de controlar minha respiração. Respiro fundo de novo. De propósito. Minha boca está dolorida. Minha garganta também. Mas é a *minha* dor. Estou no controle.

Estou usando uma máscara respiratória. Está presa no rosto e ligada a uma mangueira atrás da cabeça.

Será que consigo me levantar?

Não. Mas consigo mexer um pouco a cabeça. Olho para o meu corpo. Estou pelado e ligado a mais tubos do que consigo contar. Um em cada braço, um em cada perna, um nas “partes íntimas” e dois que desaparecem por baixo das coxas. Imagino que um deles suba até o orifício onde o sol não bate.

Isso não é nada bom.

Além disso, estou coberto de eletrodos. Os adesivos tipo sensores, como os de eletrocardiogramas, estão espalhados por todo o meu corpo. Bem, pelo menos estão só colados na pele e não enfiados em mim.

— O... — digo. Tento novamente: — Onde... estou?

— Qual é a raiz cúbica de oito? — pergunta o computador.

— Onde estou? — repito. Dessa vez é mais fácil.

— Resposta incorreta. Qual é a raiz cúbica de oito?

Respiro fundo e falo devagar:

— Dois vezes e elevado a dois *pi* vezes *i*.

— Resposta incorreta. Qual é a raiz cúbica de oito?

Mas eu não estava errado. Eu só queria verificar o nível de inteligência do computador. Resposta: não muito elevado.

— Dois — respondo.

— Resposta correta.

Espero outras perguntas, mas o computador parece satisfeito.

Estou cansado. Fecho os olhos e volto a dormir.

Acordo. Por quanto tempo dormi? Deve ter sido por um bom tempo, porque me sinto descansado. Abro os olhos sem o menor esforço. Já é um avanço.

Tento mexer os dedos. Eles se movem como esperado. Tudo bem. Agora estamos fazendo progresso.

— Movimento dos dedos detectado — diz o computador. — Fique parado.

— O quê? Por que...

Os braços robóticos se aproximam. São *rápidos*. Antes que eu me dê conta do que está acontecendo, eles tiram a maioria dos tubos do meu corpo. Não senti nada. Embora minha pele esteja um pouco dormente.

Só ficam três tubos: um acesso intravenoso no braço, um tubo que sobe pelo traseiro e um cateter. Esses últimos são os que eu

mais queria que fossem removidos, mas tudo bem.

Levanto o braço direito e o deixo cair na cama de novo. Faço o mesmo com o esquerdo. Eles parecem tão pesados. Repito o processo algumas vezes. Meus braços são musculosos. Isso não faz o menor sentido. Imaginei que tivesse sofrido um grave problema de saúde e estivesse na cama há muito tempo. Caso contrário, por que eles teriam me ligado a todas aquelas coisas? Eu não deveria estar com atrofia muscular?

E onde estão os médicos? E os barulhos de um hospital? E qual é o lance desta cama? Ela não é retangular, mas oval, e acho que fica presa à parede, e não no chão.

— Tire... — Minha voz falha. Ainda estou cansado. — Tire os tubos...

O computador não responde.

Levanto os braços mais algumas vezes. Mexo os dedos dos pés. Realmente estou melhorando.

Flexiono os tornozelos. Estão funcionando. Levanto os joelhos. Minhas pernas também parecem fortes. Não como as de um halterofilista, mas bem saudáveis para alguém que está à beira da morte. Embora eu não saiba qual espessura deveriam ter.

Pressiono as mãos na cama e dou impulso. Meu torso se levanta. Estou me levantando! Preciso de toda a minha força, mas continuo. A cama balança de leve quando eu me mexo. Não é uma cama normal, isso é certo. Quando me levanto um pouco mais, vejo que a cabeceira e os pés da cama estão fixos à parede por prendedores robustos. É como se fosse uma rede de descanso rígida. Estranho.

Logo, estou sentado em cima do tubo da bunda. Não é a sensação mais confortável, mas como um tubo no traseiro poderia

ser confortável?

Consigo ver melhor as coisas agora. Não estou em um quarto comum de hospital. As paredes parecem ser de plástico, e o quarto é todo arredondado. Luzes brancas de LED embutidas no teto iluminam o aposento.

Há mais duas camas tipo rede presas às paredes, cada qual com um paciente. Fomos dispostos em um triângulo, e os Braços do Assédio estão fixados no centro do teto. Acho que eles cuidam de nós três. Não consigo ver muito dos meus compatriotas — estão afundados na cama como aconteceu comigo.

Não há porta. Apenas uma escada na parede que leva a uma... escotilha? É redonda e tem um volante de ferro para abri-la no centro. Sim, com certeza é algum tipo de escotilha. Como em um submarino. Talvez nós três tenhamos alguma doença contagiosa? Talvez este seja um quarto hermético para quarentena? Há pequenas saídas de ventilação espalhadas na parede, e sinto uma leve corrente de ar. Deve ser um ambiente controlado.

Passo uma das pernas pela beirada da cama, e o movimento a faz balançar. Os braços robóticos se aproximam. Eu recuo, mas eles se detêm um pouco antes de me alcançar e ficam pairando por perto. Acho que estão preparados para aparar a minha queda se for o caso.

— Movimento de corpo inteiro detectado — declara o computador.

— Qual é o seu nome?

— Pfff, sério? — pergunto.

— Resposta incorreta. Tentativa número dois: qual é o seu nome?

Abro a boca para responder.

— Hum...

— Resposta incorreta. Tentativa número três: qual é o seu nome?
Só agora me dou conta: não sei quem sou. Não sei o que faço.
Não me lembro de absolutamente nada.

— Hum — repito.

— Resposta incorreta.

Uma onda de fadiga toma conta de mim. A sensação é bem agradável, na verdade. O computador deve ter me sedado através do acesso intravenoso.

— ... espeeera — murmuro.

Os braços robóticos me colocam gentilmente de volta na cama.

Acordo novamente. Um dos braços robóticos está bem na minha cara. O que ele está fazendo?!

Estremeço, mais pelo choque do que qualquer outra coisa. O braço se retrai de volta para o seu lugar no teto. Toco meu rosto para ver se está machucado. Sinto a barba de um lado e, do outro, a pele macia.

— Você estava me barbeando?

— Consciência detectada — declara o computador. — Qual é o seu nome?

— Eu ainda não sei.

— Resposta incorreta. Tentativa número dois: qual é o seu nome?
Sou caucasiano, do sexo masculino, falo inglês. Vamos arriscar...

— J... John?

— Resposta incorreta. Tentativa número três: qual é o seu nome?
Arranco o acesso intravenoso do braço.

— Me deixa em paz.

— Resposta incorreta.

Os braços robóticos vêm na minha direção. Rolo para fora da cama, o que se revela um erro. Os outros tubos ainda estão presos ao meu corpo.

O tubo da bunda sai de uma vez só e nem chega a doer. O cateter ainda aberto sai do meu pênis com um puxão. E dói *muito*. É como se eu tivesse mijado uma bola de golfe.

Grito e me contorço no chão.

— Sofrimento físico detectado — declara o computador. Os braços começam a vir na minha direção. Rastejo pelo chão, tentando fugir, e me enfio embaixo de uma das outras camas. Os braços param, mas não desistem. Ficam esperando. São controlados por um computador. Não é como se fossem perder a paciência.

Inclino a cabeça para trás e fico ofegando. Depois de um tempo, a dor diminui e enxugo lágrimas dos olhos.

Não faço a menor ideia do que está acontecendo aqui.

— Ei! — grito. — Um de vocês, acorde!

— Qual é o seu nome? — pergunta o computador.

— Um de vocês, *humanos*, acorde, por favor!

— Resposta incorreta — diz o computador.

Minha virilha dói tanto que sinto até vontade de rir. Toda essa situação é tão absurda. Além disso, as endorfinas estão entrando em ação e me deixando meio alegrinho. Olho para o cateter na minha cama. Meneio a cabeça e estremeço. Aquele treco passou pela minha uretra. Uau.

E fez um estrago na saída. Uma linha de sangue mancha o chão. É só uma fina linha vermelha de...

Tomei um gole de café, enfiei o último pedaço de torrada na boca e fiz um gesto pedindo a conta. Eu poderia economizar uma grana se tomasse café da manhã em casa em vez de ir todos os dias a uma lanchonete. Provavelmente seria uma boa ideia, considerando meu salário minguado, mas eu odeio cozinhar e amo ovos com bacon.

A garçonete fez um gesto positivo com a cabeça e foi até o caixa para fechar a conta, mas outro cliente chegou bem nesse momento e se sentou.

Olhei para o relógio. Poucos minutos depois das sete da manhã. Sem pressa. Gostava de chegar ao trabalho até umas sete e vinte para ter tempo de me preparar para o dia, mas meu horário era a partir das oito.

Peguei o celular para ver meus e-mails.

PARA: Curiosidades de astronomia <astrocurious@scilists.org>

DE: Irina Petrova, ph.D. <ipetrova@gaoran.ru>

ASSUNTO: A fina linha vermelha

Franzi as sobrelhas olhando para a tela. Achei que eu tivesse cancelado minha assinatura daquela lista. Fazia muito tempo que havia deixado aquela vida para trás. Não costumava ser um volume de e-mails muito grande, mas, se não me falhava a memória, o pouco que eu recebia era bem interessante. Nada mais que um bando de astrônomos, astrofísicos e outros especialistas da área conversando sobre qualquer coisa que lhes parecesse estranha.

Olhei para a garçonete — os clientes estavam fazendo um monte de perguntas sobre o cardápio, provavelmente querendo saber se a

Sally's Diner servia capim vegano sem glúten ou algo do tipo. O povo de San Francisco podia ser bem difícil às vezes.

Sem nada melhor para fazer, li o e-mail.

Olá, colegas. Sou a dra. Irina Petrova e trabalho no Observatório Pulkovo em São Petersburgo, na Rússia.

Estou escrevendo para pedir ajuda.

Venho trabalhando há dois anos em uma teoria relacionada com emissões infravermelhas de nebulosas. Como resultado, fiz observações detalhadas sobre algumas faixas específicas de luz infravermelha e descobri uma coisa estranha — não em uma nebulosa, mas aqui mesmo, no nosso sistema solar.

Existe uma linha bem tênue mas detectável no sistema solar, que emite luz infravermelha com comprimento de onda de 25,984 microns. Esse parece ser o único comprimento de onda, sem nenhuma variação.

Estou anexando algumas planilhas de Excel com os dados que colhi. Também envio alguns modelos de dados em 3D.

Dá para ver no modelo que a linha forma um arco assimétrico que se eleva direto do polo norte do Sol por 37 milhões de quilômetros, de onde forma um ângulo agudo para baixo, afastando-se do Sol e seguindo em direção a Vênus. Depois do ápice do arco, a nuvem se expande como um funil. Em Vênus, a seção transversal do arco tem a mesma extensão do planeta.

O brilho infravermelho é bem fraco. Só consegui detectá-lo porque estava usando um equipamento de alta sensibilidade enquanto buscava emissões infravermelhas de nebulosas.

Mas, para me certificar, pedi um favor ao observatório de Atacama, no Chile — na minha opinião, o melhor observatório de infravermelho do mundo. Eles confirmaram minhas descobertas.

Existem muitos motivos para se ver luz infravermelha no espaço interplanetário. Pode ser poeira espacial ou outras partículas que refletem a luz do sol. Ou algum composto molecular pode estar absorvendo energia e emitindo-a na faixa de infravermelho. Isso inclusive explicaria por que o comprimento de onda é sempre o mesmo.

O formato do arco é particularmente interessante. Minha primeira hipótese foi que se tratava de uma coleção de partículas se movendo ao longo de linhas de campo magnético. Mas Vênus não tem nenhum campo magnético conhecido. Nem magnetosfera nem ionosfera, nada. Que forças poderiam atrair as partículas do arco em direção ao planeta? E por que elas brilham?

Qualquer sugestão ou teoria é bem-vinda.

Que diabos era aquilo?

A lembrança veio de uma só vez. Simplesmente apareceu na minha cabeça do nada.

Não consegui extrair muitas informações a meu respeito. Moro em San Francisco — eu me lembro disso. E gosto de café da manhã. E também curti astronomia, mas agora não curto mais?

Pelo visto meu cérebro achou primordial que eu me lembrasse daquele e-mail. E não de coisas triviais como *meu próprio nome*.

Meu subconsciente está tentando dizer alguma coisa. A linha de sangue no chão deve ter me lembrado do título, “A fina linha vermelha”, daquele e-mail. Mas o que isso tem a ver comigo?

Saio de baixo da cama e me sento encostado na parede. Os braços vêm na minha direção, mas ainda não conseguem me alcançar.

Hora de dar uma olhada nos outros pacientes. Não sei quem sou nem por que estou aqui, mas pelo menos não estou sozinho... maaaas eles estão mortos.

Sim, sem dúvida estão mortos. O corpo mais próximo de mim era de uma mulher. Pelo menos eu acho que era, pelo cabelo comprido. Fora esse detalhe, ela é praticamente uma múmia. Pele dissecada sobre os ossos. Não sinto nenhum cheiro. Nada de putrefação ativa. Ela deve ter morrido há muito tempo.

A pessoa na outra cama era um homem. Acho que já está morto há mais tempo ainda. A pele não está apenas seca e coriácea, mas também se desfazendo.

Tudo bem. Então estou aqui com dois mortos. Eu deveria estar enojado e horrorizado, mas não estou. Eles já passaram muito do ponto de terem a aparência humana. Parecem mais uma decoração

de Halloween. Espero que não tenhamos sido amigos próximos nem nada. Ou, se for o caso, espero nunca me lembrar disso.

Pessoas mortas são preocupantes, mas estou mais alarmado com o fato de estarem aqui há tanto tempo. Até mesmo uma área de quarentena removeria o corpo dos mortos, não é? Qualquer que seja o problema, parece ser bem grave.

Eu me levanto. É um movimento lento que exige muito esforço. Apoio-me na cama da srta. Múmia. Ela balança e eu me desequilibro, mas continuo em pé.

Os braços robóticos tentam me pegar, mas eu me encosto na parede novamente.

Tenho quase certeza de que eu estava em coma. É. Quanto mais penso nisso, mais certeza tenho de que eu estava em coma.

Não sei há quanto tempo estou aqui, mas se fui colocado neste lugar na mesma época que meus colegas de quarto, já deve fazer um bom tempo. Passo a mão no rosto barbeado pela metade. Aqueles braços foram feitos para lidar com alguém inconsciente a longo prazo. Mais uma prova de que eu estava em coma.

Talvez eu consiga chegar à escotilha?

Dou um passo. E mais outro. E desmonto no chão. O esforço é demais para mim. Preciso descansar.

Por que estou tão fraco se tenho todos estes músculos bem torneados? E, se eu estava em coma, por que tenho músculos? Eu deveria estar todo atrofiado e minguado, e não com um corpo sarado.

Não faço a menor ideia de qual é meu objetivo. O que devo fazer? Será que estou doente mesmo? Estou me sentindo fraco, é claro, mas não me sinto “doente”. Não estou enjoado. Nem com dor de

cabeça. Acho que não estou com febre. Se não estou doente, por que entrei em coma? Algum ferimento grave?

Passo a mão na cabeça. Nenhum galo, cicatriz ou curativo. O resto do meu corpo parece forte também. Mais que forte. Estou em forma.

Quero cochilar, mas resisto.

Hora de fazer mais uma tentativa. Eu me levanto de novo. É como se estivesse levantando pesos. Mas é um pouco mais fácil dessa vez. Estou me recuperando cada vez mais rápido (ou é isso que espero).

Arrasto-me pela parede, dividindo o peso do corpo entre os pés e as costas. Os braços mecânicos continuam tentando me pegar, mas eu me mantenho fora de alcance.

Fico ofegante e sem ar. Parece que corri uma maratona. Talvez esteja com alguma infecção pulmonar? Talvez eu esteja em isolamento para minha própria proteção?

Finalmente chego à escada vertical. Dou um passo para a frente e pego um dos degraus. Estou tão fraco. Como é que vou subir uma escada de dez pés de comprimento?

Dez pés de comprimento.

Minha referência é o sistema de medida imperial. Isso é uma pista. Devo ser americano. Ou inglês. Ou talvez canadense. Canadenses usam pés e polegadas para distâncias curtas.

Eu me pergunto: qual é a distância entre Los Angeles e Nova York? Minha resposta instintiva: três mil milhas. Um canadense teria usado quilômetros. Então, sou inglês ou americano. Ou sou da Libéria.

Sei que a Libéria também usa o sistema imperial de medida, mas não sei meu próprio nome. Isso é irritante.

Respiro fundo. Seguro-me na escada com as duas mãos e coloco o pé no degrau inferior. Dou impulso e subo. É um processo vacilante, mas consigo. Estou com os dois pés no primeiro degrau. Estendo as mãos e agarro o degrau seguinte. Beleza, estou progredindo. Meu corpo parece feito de chumbo — cada movimento requer muito esforço. Tento subir novamente, mas minhas mãos não são fortes o suficiente.

Caio de costas da escada. Isso vai doer.

Mas não dói. Os braços robóticos me pegam antes que eu me estabeque no chão, porque caio em uma área de alcance e eles não hesitam, aparam minha queda e me ajeitam na cama como uma mãe pondo o filho para dormir.

Sabe de uma coisa? Tudo bem. Eu estou realmente cansado a essa altura, e vai ser bom me deitar um pouco. A cama, com seu leve balanço, é muito confortável. O modo como eu caí da escada me incomoda. Revejo a cena na cabeça. Não consigo entender direito o que é, mas tem alguma coisa... “errada”.

Hum.

Apago.

— Alimente-se.

Tem um tubo de creme dental no meu peito.

— Hã?

— Alimente-se — repete o computador.

Pego o tubo. É todo branco e está Escrito “Dia 1, Refeição 1”.

— Que porcaria é essa? — pergunto.

— Alimente-se.

Desenrosco a tampa e sinto o cheiro de comida. Fico com água na boca. Só agora percebo que estou morrendo de fome. Espremo o tubo, de onde sai uma pasta marrom de aparência nojenta.

— Alimente-se.

Quem sou eu para questionar as ordens de um computador bizarro e todo-poderoso com braços robóticos? Hesitante, dou uma lambidinha na substância.

Ai, meu Deus, que delícia! É muito gostoso! É como um molho de carne grosso, mas não muito temperado. Espremo mais um pouco na boca e saboreio. Juro que isso é melhor que sexo.

Sei bem o que está acontecendo aqui. Dizem que a fome é o melhor tempero. Quando você está faminto, seu cérebro oferece uma recompensa generosa por você finalmente se alimentar. *Muito bem*, diz ele, *nós não vamos morrer por mais um tempo!*

As peças se encaixam. Se passei um longo tempo em coma, devo ter sido alimentado. Quando acordei, não tinha nenhum tubo abdominal, então eles deviam estar me alimentando com um tubo nasogástrico que descia até o esôfago. É a forma menos invasiva de alimentar pacientes que não conseguem comer, mas que não apresentam problemas digestivos. E isso mantém o sistema ativo e saudável. E explica por que eu não estava com o tubo quando acordei. Se possível, deve-se remover o tubo nasogástrico enquanto o paciente está inconsciente.

Como eu sei disso? Será que sou médico?

Espremo mais um pouco da pasta de carne. Continua deliciosa. Devoro tudo e logo o tubo está vazio. Levanto o tubo.

— Quero mais!

— Refeição completa.

— Ainda estou com fome! Quero outro tubo!

— A porção para esta refeição foi concluída.

Faz sentido. Meu sistema digestivo está se acostumando com a comida pastosa agora. Melhor pegar leve. Se eu comer o tanto que quero, vou acabar passando mal. O computador está fazendo o certo.

— Eu quero mais comida! — Ninguém se importa com o que é certo quando está com fome.

— A porção para esta refeição foi concluída.

— Argh.

Mesmo assim, estou me sentindo bem melhor do que antes. A comida me deu energia, e também estou mais descansado.

Saio da cama, pronto para correr até a parede, mas os braços não me perseguem. Acho que posso sair da cama agora que provei que posso comer.

Olho para o meu corpo nu. Isso parece errado. Sei que as únicas pessoas por perto estão mortas, mas mesmo assim...

— Posso vestir alguma coisa?

O computador não responde.

— Tá legal. Vamos assim mesmo.

Pego o lençol da cama e o enrolo em volta do corpo algumas vezes. Puxo uma ponta por cima do ombro atravessando as costas e a amarro na ponta da frente. Uma toga em um minuto.

— Movimento de caminhada detectado — declara o computador.

— Qual é o seu nome?

— Sou o imperador do coma. Ajoelhe-se diante de mim.

— Resposta incorreta.

Hora de ver o que tem naquela escada.

Estou um pouco inseguro, mas começo a atravessar o quarto. Isso, por si só, já é uma vitória — não preciso me apoiar nas camas nem nas paredes. Estou usando apenas meus pés.

Chego à escada e agarro um degrau. Não *preciso* de algo em que me segurar, e isso facilita muito as coisas. A escotilha lá em cima parece bem sólida. Imagino que seja hermética. E existe uma grande chance de estar trancada. Mas preciso ao menos tentar.

Vou subindo um degrau de cada vez. É difícil, mas factível. Outro degrau. Tá legal, estou pegando o jeito. Devagar e sempre.

Chego à escotilha. Eu me seguro na escada com uma das mãos e puxo o volante da escotilha com a outra. E ela gira!

— Caraca! — exclamo.

“Caraca”? Essa é a expressão que uso quando estou surpreso? Funciona bem, eu acho. Mas eu esperaria algo menos infantil. Será que sou um cara esquisito?

Giro o volante algumas vezes e ouço um clique. A escotilha se abre para baixo e eu saio do caminho. Ela se abre totalmente, ficando presa apenas pelas dobradiças robustas. Estou livre!

Mais ou menos.

Acima da escotilha, só escuridão. Um pouco intimidador, mas é um avanço.

Apoio as mãos no novo aposento e dou um impulso para entrar. As luzes se acendem assim que entro. É bem provável que o computador esteja controlando isso.

O aposento parece ser do mesmo tamanho e formato que o outro de onde saí — mais um ambiente redondo.

Uma mesa grande — mesa de laboratório, ao que tudo indica — está presa ao chão. Com três bancos presos perto dela. As paredes estão cobertas por aparelhos de laboratório. Tudo fixado em mesas ou bancos que estão fixados ao chão. É como se o lugar estivesse preparado para um terremoto catastrófico.

Uma escada na parede leva a uma segunda escotilha no teto.

O espaço é bem equipado. Desde quando alas de isolamento deixam pacientes entrar no laboratório? E também não parece um laboratório médico. O que raios está acontecendo?!

“ Raios ”? Sério? Talvez eu tenha filhos pequenos. Ou talvez seja religioso demais para falar palavrão.

Eu me levanto para olhar melhor as coisas.

Equipamentos menores estão aparafusados à mesa. Vejo um microscópio 8000x, uma autoclave, uma prateleira de tubos de ensaio, gaveteiros de suprimentos, refrigerador de amostras, forno, pipetas — espere um pouco. Como eu conheço todos esses termos?

Olho para os equipamentos maiores ao longo das paredes. Microscópio eletrônico de varredura, impressora 3D submilimétrica, fresadora de onze eixos, interferômetro a laser, câmara de vácuo de um metro cúbico. Eu sei o que é cada uma dessas coisas. E sei como usá-las.

Sou um cientista! Agora estamos chegando a algum lugar! Hora de usar a ciência. *Tudo bem, mente brilhante: pense em alguma coisa!*

... Estou com fome.

Você me deixou na mão, mente.

Tá legal, eu não faço ideia de por que esse laboratório está aqui ou por que me deixaram entrar. Mas... vamos continuar!

A escotilha no teto também fica a uns dez pés do chão. Outra aventura na escada. Pelo menos estou mais forte agora.

Respiro fundo algumas vezes e começo a subir. Sinto a mesma coisa que antes: esse ato simples exige um esforço enorme. Posso estar melhorando, mas ainda não estou “bem”.

Meu Deus, como eu sou pesado. Chego ao topo da escada, mas à custa de muito esforço.

Eu me posiciono melhor nas barras desconfortáveis e tento abrir o volante da escotilha. Ele não cede.

— Para destravar a escotilha, diga o seu nome — pede o computador.

— Mas eu não sei o meu nome!

— Resposta incorreta.

Bato no volante com a palma da mão. O volante não cede, e agora a minha mão está doendo. Pois é... nada produtivo.

Isso vai ter que ficar para depois. Talvez eu lembre o meu nome em breve. Ou o encontre escrito em algum lugar.

Desço pela escada. Pelo menos, esse é o meu plano. É de imaginar que descer seja mais fácil e seguro do que subir. Mas não. Em vez de descer graciosamente, apoio o pé no degrau abaixo em um ângulo estranho, me desequilibro, não consigo me segurar no volante da escotilha e caio como um idiota.

Eu me debato como um gato alucinado, tentando encontrar alguma coisa na qual me agarrar. Mas essa é uma péssima ideia. Caio na mesa e esmago um conjunto de gavetas com a perna. Dói

para caramba! Eu grito e agarro minha perna e, acidentalmente, caio da mesa e me estatelado no chão.

Não tem nenhum braço robótico para me salvar dessa vez. Caio de costas e fico sem ar. Então, para piorar ainda mais a situação, o gaveteiro de suprimentos cai também, com as gavetas abertas, despejando uma chuva de itens em cima de mim. Os cotonetes de algodão não são um problema. Os tubos de ensaio machucam um pouco (e para minha surpresa não quebram). Mas a trena me acerta em cheio na testa.

Mais coisas despencam, mas estou muito ocupado esfregando o inchaço crescente na testa para notar. Quanto aquela trena pesa? Ela caiu de uma altura de um metro e deixou um galo na minha cabeça.

— Isso... não deu certo — digo para ninguém. Foi tudo tão ridículo. Parecia uma cena de um filme do Charlie Chaplin.

Na verdade... foi exatamente igual. Até demais.

Sinto a mesma sensação de que tem alguma coisa “errada”.

Pego um tubo de ensaio e jogo para cima. Ele sobe e desce exatamente como se espera. Mas algo está me incomodando. Algo em relação à queda de objetos me deixa inquieto. Quero saber o porquê.

Em que posso me basear? Bem, tenho um laboratório inteiro à minha disposição e sei como usá-lo. Mas o que tenho à mão agora? Olho para toda a tralha que caiu no chão. Um monte de tubos de ensaio, cotonetes para colher amostras, palitos de madeira, um cronômetro digital, pipetas, fita adesiva, uma caneta...

Tá legal. Talvez eu tenha tudo de que preciso aqui.

Eu me levanto e limpo a toga. Não há poeira — meu mundo inteiro parece totalmente limpo e estéril, mas faço o movimento de me limpar assim mesmo.

Pego a trena e dou uma olhada. As medidas estão no sistema métrico, e não no imperial. Talvez eu esteja na Europa? Tanto faz. Pego o cronômetro. É bem robusto, como um item que você levaria em uma caminhada esportiva. Está embutido em uma carcaça de plástico rígido com um anel grosso de borracha em volta. Sem dúvida é à prova d'água. Mas está parado como uma porta. A tela de LCD está apagada.

Pressiono alguns botões, mas nada acontece. Eu o viro para olhar o compartimento de bateria. Talvez consiga achar alguma gaveta que tenha baterias se eu souber o tipo que estou procurando. Vejo uma fitinha vermelha de plástico saindo da parte de trás. Dou um puxão e ela sai completamente. O cronômetro apita e começa a funcionar.

Parece um daqueles brinquedos com “bateria inclusa”. Uma fitinha de plástico é o que impede a bateria de acabar antes que o dono o utilize pela primeira vez. Certo, esse cronômetro é novinho. Sinceramente, tudo neste laboratório parece muito novo. Limpo, arrumado, sem nenhum sinal de uso. Não sei bem o que pensar sobre isso.

Brinco um pouco com o cronômetro até entender todos os controles. É bem simples, na verdade.

Uso a trena para medir a altura da mesa. O tampo fica a 91 centímetros do chão.

Pego um tubo de ensaio. Não é de vidro. Talvez seja algum tipo de plástico de alta densidade ou algo do tipo. Ele não quebrou

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Devoradores de estrelas"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).